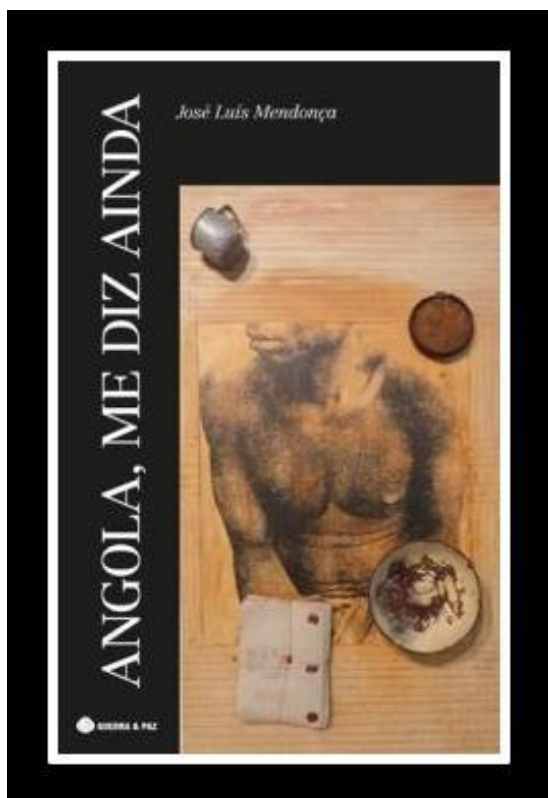


***Angola, me diz ainda*, de José Luís Mendonça**

Ana T. Rocha



Apresentado em Portugal no passado dia 18, em Lisboa, o novo livro de poesia *Angola, me diz ainda* (Guerra & Paz ed.), do escritor e jornalista angolano José Luís Mendonça, traz-nos uma poesia que procura resgatar o modo poético da geração dos *mais-velhos*. Tal é verificável não apenas nas epígrafes e dedicatórias a Agostinho Neto e M. António, mas, sobretudo, no estilo engajado e contestatário (não panfletário) que José Luís Mendonça tem vindo a limar nos poemas que agora reúne neste volume, mas cuja escrita principia já na década de 80.

A extensão dos poemas e dos versos ajudam a construir um ritmo prosaico diferente daquele que noutros poemas, mormente nos de temática amorosa, o escritor nos apresentou. Deste modo, e utilizando um português descomplexado, o poeta reivindica para a poesia angolana as suas influências primeiras, suporte que (re)encontra para se dirigir e “agitar” o leitor (principalmente angolano).

Com um tom assertivo e claro – às vezes satírico e sarcástico – José Luís Mendonça desconstrói os processos que esculpem a “gasosocracia” (p. 83) de um “país [que] só cheira a gasolina” (p. 44) e onde “Tem sempre um preto no quintal (...) Mesmo que o dono seja um preto também” (p.86).

Desequilibrando o timbre, há espaço para a nitidez de um desejo de diálogo e respostas, espelhado no próprio título e no poema que esse intitula.